

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TERAPIA DE CASAL E FAMÍLIA

CARINE BONALUME DALL'AQUA

**INFLUÊNCIAS SOCIAIS E FAMILIARES NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE
CONJUGAL**

São Leopoldo

2014

Carine Bonalume Dall'Aqua

INFLUÊNCIAS SOCIAIS E FAMILIARES NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE
CONJUGAL

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Terapia de Casal e Família, pelo Curso de Especialização em Terapia de Casal e Família da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Piedad Rangel Meneses

São Leopoldo

2014

INFLUÊNCIAS SOCIAIS E FAMILIARES NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE CONJUGAL

Carine Bonalume Dall'Aqua*

Maria Piedad Rangel Meneses**

Resumo

O casamento tem passado por transformações ao longo da história, no que se refere a novas formas de configuração, papéis e relações. Além das características dos próprios cônjuges, outros elementos influenciam na formação da identidade conjugal, como a família de origem e o contexto sociocultural. Considerando essa realidade, o objetivo desta pesquisa foi identificar influências sociais e familiares percebidas pelo casal na formação da identidade conjugal. Participaram do estudo quatro casais heterossexuais, em primeira união, com no máximo dois anos de casamento e sem filhos até o momento. Foram utilizados como instrumentos de investigação um questionário de dados sociodemográficos e uma entrevista semiestruturada, que foi gravada e transcrita para posterior exploração mediante o método de análise qualitativa de conteúdo. Os resultados demonstraram que as influências sociais percebidas pelos casais foram relativas ao trabalho de cada um, à rede de amigos e questões financeiras. Em relação às famílias de origem, os valores transmitidos e o modelo de relação dos pais foram percebidos como influenciadores. Os entrevistados também trouxeram dados referentes ao momento atual do casamento, frisando questões de rotina e o desafio de conciliar a individualidade com a conjugalidade.

Palavras-chave: Identidade conjugal. Individualidade. Conjugalidade.

1 INTRODUÇÃO

O casamento tem passado por transformações ao longo da história, no que se refere a novas formas de configuração, papéis e relações. Essas transformações são consideradas, por alguns autores, como uma exigência da sociedade atual, que é marcada por constante modificação de regras e valores. (MENEZES, 2006).

Contudo, muitas vezes surgem conflitos que os cônjuges não são capazes, mesmo querendo, de superar, visto que a vivência da conjugalidade envolve tarefas, responsabilidades e compromissos. (ZORDAN, 2010). Na prática clínica, constata-se

* Psicóloga. Discente do curso de Especialização em Terapia de Casal e Família. E-mail: carine.aqua@ibest.com.br.

** Psicóloga. Especialista em Intervenção Sistêmica da família. Mestre em Psicologia Social e da Personalidade, Doutora em Psicologia, Terapeuta Sistêmico-Integrativa do Indivíduo, de Casal e de Família. E-mail: piarangelm@gmail.com.

um aumento gradativo de casais que buscam psicoterapia apresentando como ponto principal a temática da separação. (FÉRES-CARNEIRO, 2003).

Dados do IBGE (2013) demonstram que o número de divórcios em 2012 no Brasil foi de 341.600, havendo uma redução de 1,4% em relação a 2011. Na série histórica dos últimos dez anos, a taxa de divórcios de 2012 aparece como a segunda maior desde 2002. Porém, o número de casamentos segue crescendo, tendo sido registrados 1.041.440 em 2012 (um aumento de 1,4% em comparação com 2011). Observando essas informações, percebe-se que apesar do grande número de divórcios, o número de casamentos foi mais do que o triplo em relação ao outro índice. Tais dados expressam que a crença nessa forma de união continua.

Segundo Féres-Carneiro (1998), quando ocorre a união através do casamento, os indivíduos passam a conviver com a conjugalidade, que implica um desejo conjunto, uma história de vida conjugal, assim como um projeto de vida a dois, construindo uma identidade conjugal. A conjugalidade é definida, por Magalhães e Féres-Carneiro (2003), como uma dimensão psicológica compartilhada da vida do casal, que apresenta dinâmica inconsciente, com leis e funcionamento específico, e que se opõe à individualidade, que seria o aspecto individual existente na vida a dois.

Além das características dos próprios cônjuges, que possuem diferentes histórias de vida, projetos e identidades individuais, outros elementos influenciam na formação da identidade conjugal. A perspectiva sistêmica dispõe sobre a transmissão da herança familiar através de padrões de interação. Acredita que a forma como o casal constitui sua relação está associada ao modelo vivido em suas famílias de origem. (MENDONÇA, 2006).

Ampliando esses conceitos, outros autores (BAUMAN, 2004; BERTHOUD; BERGAMI, 1997; BOZON, 2004; BRONFENBRENNER, 1996; MCGOLDRICK, 1995) têm considerado a importância dos fatores sociais e culturais na formação da identidade conjugal. A família de origem não é vista com a mesma força, pois abre-se espaço para o contexto sociocultural em que os indivíduos estão inseridos.

Frente a essas questões e levando-se em conta a relevância que o casamento tem na vida das pessoas e na sociedade, decidiu-se realizar uma pesquisa a fim de investigar que influências, tanto sociais quanto familiares, foram percebidas pelos casais na formação de sua identidade conjugal. Almejou-se com esse estudo compreender que fatores influenciam de forma preponderante e de que

maneira os casais lidam com essas influências para constituírem sua identidade conjugal.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Casamento na atualidade

A união de duas pessoas através do casamento está presente nos mais diversos contextos socioculturais e em todas as épocas. Em cada contexto, pode expressar diferentes formas e significados, porém, sempre existe o papel de marido e de esposa. O que caracteriza a relação conjugal como extremamente relevante dentre as diferentes formas de relações afetivo-sociais. (MENDONÇA, 2006; ZORDAN; FALCKE; WAGNER, 2005).

Todavia, o casamento tem sofrido uma série de mudanças ao longo da história. Na sociedade antiga, correspondia a um negócio de família, não simbolizando um relacionamento amoroso. A decisão ficava a cargo dos pais dos noivos, com pouco ou nenhum investimento afetivo entre os parceiros, sendo um compromisso indissolúvel. (MENDONÇA, 2006)

No decorrer do século XX, os valores foram se transformando, deixando-se para trás a estrutura patriarcal e dando lugar a ideologias de caráter individualista. (ZORDAN; FALCKE; WAGNER, 2005). Ocorreram modificações sociais significativas como a emancipação feminina, os avanços tecnológicos e a globalização, entre outros fatores, que exerceram influência na forma como a família, o casamento e a relações afetivas, em geral, são vivenciadas. (MENDONÇA, 2006; MONTORO; MUNHOZ, 2010; ZORDAN; FALCKE; WAGNER, 2009).

Segundo Féres-Carneiro (1998), atualmente os valores do individualismo exercem grande influência na constituição e manutenção do casamento. A autonomia e a satisfação de cada indivíduo são mais valorizadas do que os laços de dependência entre ambos. Desta forma, existe o confronto da individualidade com a conjugalidade, pois ao mesmo tempo em que se sustentam ideais individualistas, há a necessidade de que os casais vivenciem a conjugalidade, a realidade compartilhada do casal.

Na contemporaneidade há um grande investimento afetivo, diferentemente do que ocorria em épocas passadas. O casal busca uma relação de intensa

significação, envolvendo um alto grau de intimidade, diz Féres-Carneiro (2001). Idealiza-se que o casamento ofereça intimidade, compromisso, amizade, afeto, realização sexual, companheirismo e oportunidade de desenvolvimento emocional. (PAPALIA; FELDMAN, 2013)

Com expectativas tão altas, frutos dessa idealização do outro, conflitos podem surgir na relação conjugal, uma vez que se torna difícil atingir esses ideais. Féres-Carneiro (2003) afirma que os cônjuges não optam pelo divórcio por desqualificarem o casamento, pelo contrário, o valorizam tanto que não aceitam quando a relação não corresponde às suas expectativas pessoais.

2.2 A formação do novo casal

Compreende-se por ciclo vital familiar a sucessão de fases pelas quais passa a unidade familiar desde a sua constituição até seu desaparecimento. Cerveny e Berthoud (2009) categorizam o ciclo vital da família brasileira em quatro estágios: fase de aquisição, fase adolescente, fase madura e fase última. Já as autoras americanas Carter e McGoldrick (1995) propõem uma classificação diferenciada, considerando seis etapas a serem vivenciadas pelas famílias, quais sejam: 1. saindo de casa: jovens solteiros; 2. a união de famílias no casamento: o novo casal; 3. famílias com filhos pequenos; 4. famílias com adolescentes; 5. lançando os filhos e seguindo em frente e 6. famílias no estágio tardio da vida. Apesar de haver diferenças entre as perspectivas brasileira e americana, há a concordância em relação ao casamento inaugurar um novo estágio no ciclo de vida.

De acordo com McGoldrick (1995), tornar-se um casal é considerada uma das tarefas mais complexas do ciclo de vida familiar, embora seja vista pelo casal e seus familiares e amigos como a mais fácil e feliz. O conceito de casamento vai além da união entre duas pessoas, como o próprio nome dado a esta fase do ciclo vital da família sugere (a união de famílias no casamento).

O "novo casal" caracteriza a criação de um terceiro subsistema oriundo da modificação de dois sistemas. Transformações são desencadeadas nas redes familiares, influenciando o futuro do casal. (MENDONÇA, 2006)

Montoro e Munhoz (2010) mencionam a importância da comunicação do casal nesse momento de adaptação, considerando que ela deva ocorrer face a face, incluindo a leitura do não verbal, das emoções e contradições que passam a fazer

parte do dia a dia dos cônjuges. O novo casal terá que se adaptar à convivência, que, segundo Groisman (2006), é o maior desafio que enfrentamos durante a vida. A convivência inicia em nossa família de origem e suas experiências determinarão a forma de nos relacionarmos na nossa futura família.

2.3 Influências na formação da identidade conjugal

Féres-Carneiro e Diniz Neto (2010) definem conjugalidade como um processo de elaboração de uma realidade comum. Ao comprometer-se com a relação a dois, cada parceiro vivencia uma reconstrução de sua realidade individual, adquirindo referências comuns, bem como uma identidade conjugal.

Tal conceito é corroborado por Narciso e Costa (1996) ao afirmarem que a conjugalidade remete a uma identidade específica do casal, que se forma pela experiência relacional dos seus dois membros, sem que se percam, entretanto, as respectivas identidades individuais. É nessa estrutura relacional que irão se reunir semelhanças e diferenças, complementaridades e simetrias e proximidades e distâncias.

A influência dos pais no casamento dos filhos perdeu força na contemporaneidade. Devido a diversas transformações na sociedade, atualmente as pessoas parecem estar menos presas às tradições familiares e mais livres para estruturar padrões de relacionamento diferentes daqueles que viveram. Isso acontece porque as famílias de origem também são influenciadas por fatores socioculturais, havendo comportamentos e expectativas próprios em cada sistema familiar. (BAUMAN, 2004; MCGOLDRICK, 1995).

Para Berthoud e Bergami (1997), os principais fatores que influenciam na formação dos vínculos de um casal são a história de cada um, semelhanças e diferenças culturais e os reais motivos do casamento. Bozon (2004) considera que as relações de conjugalidade cada vez mais estão vinculadas ao que ele denomina homogamia, que é a similaridade de condições sociais e existenciais. Como resultado disso ocorreria a união entre sujeitos que possuem grande afinidade socioafetivo-intelectual.

O modelo bioecológico do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner (1996) também pode ser utilizado para compreender o fenômeno da formação da identidade conjugal. Ao considerar o contexto sociocultural, incluindo diferentes

culturas e subculturas, aspectos de gênero, raça e nível socioeconômico, reorientou a tradicional percepção da psicologia, que dava aos processos psicológicos um caráter demasiado individualista. A pessoa passa a ser um dos elementos do sistema, estando o foco nos processos (nesse caso, a formação da identidade conjugal) e nas interações. (NARVAZ; KOLLER, 2004).

3 MÉTODO

O objetivo deste trabalho foi identificar influências sociais e familiares percebidas pelo casal na formação da identidade conjugal. Assim, a pesquisa assumiu uma abordagem de caráter qualitativo exploratório, tendo sido escolhido como estratégia o estudo de casos múltiplos. As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e idéias. (GIL, 2009).

A pesquisa qualitativa, segundo Minayo (1996, p.21),

[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Conforme Yin (2001), um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos. No caso de estudo de casos múltiplos, os resultados são considerados mais convincentes, sendo o estudo visto como mais robusto.

3.1 Participantes

Participaram deste estudo quatro casais heterossexuais, em primeira união, com no máximo dois anos de casamento e sem filhos até o momento. As características dos casais são as seguintes:

	Idades	Escolaridade	Profissão	Renda mensal familiar	Tipo de casamento	Tempo de casamento
Casal 1 - marido	29	superior	representante comercial bancária	de 8 a 10 salários mínimos	civil e religioso	10 meses
esposa	30	superior				
Casal 2 - marido	24	médio	industrialário comerciária	até 3 salários mínimos	religioso	7 meses
esposa	25	superior incompleto				
Casal 3 - marido	30	médio	comerciante professora	até 3 salários mínimos	civil e religioso	3 meses
esposa	26	superior				
Casal 4 - marido	26	superior incompleto	empresário administradora	de 4 a 7 salários mín.	religioso	12 meses
esposa	26	superior				

Quadro 1 – Características dos participantes.

Os casais foram selecionados por conveniência, pela indicação de conhecidos. Como critério de exclusão foi considerado o fato de terem saído da casa dos pais por qualquer outro motivo antes do casamento ou a decisão de viver em união estável sem ter passado pelo ritual do casamento (civil ou religioso).

3.2 Instrumentos

Foram utilizados como instrumentos de investigação um questionário de dados sociodemográficos e uma entrevista semiestruturada para o casal. A entrevista é considerada bastante adequada para a obtenção de informações acerca do comportamento humano. (GIL, 2009). Por modelo de entrevista semiestruturada entende-se aquela em que o pesquisado fala livremente sobre o tema proposto, limitado, contudo, por um roteiro não estruturado, com perguntas flexíveis, abertas, possibilitando o desencadeamento de informações e o levantar das variáveis mais importantes junto ao informante. (ROESCH, 1996).

3.3 Procedimentos éticos e de coleta de dados

O estudo seguiu as recomendações éticas para a realização de pesquisas com seres humanos, de acordo com as orientações das Resoluções 466/12 do Conselho Nacional de Saúde e CFP 016/2000, tendo sido submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da UNISINOS e aprovado sob o parecer número 754.158. Os casais foram contatados via telefone, informados sobre os objetivos da pesquisa e solicitados a

colaborar, sendo-lhes garantido o sigilo das identidades. Após a concordância em participar da pesquisa, foi agendado um horário para a realização da entrevista, em lugar de conveniência para o casal. Inicialmente, foi assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e realizou-se a entrevista. As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas, para que os dados pudessem ser devidamente analisados.

3.4 Procedimentos de análise de dados

Para a análise dos dados coletados foi utilizada a metodologia de análise qualitativa de conteúdo, que se baseia na separação da estrutura e dos elementos desse conteúdo, a fim de elucidar suas diferentes características e extrair sua significação. (LAVILLE; DIONNE, 1999). Segundo Yin (2001, p. 131), “a análise de dados consiste em examinar, categorizar, classificar em tabelas ou, do contrário, recombinar as evidências tendo em vista proposições iniciais de um estudo”.

Para Laville e Dionne (1999), o pesquisador necessita, primeiramente, efetuar um recorte dos conteúdos em elementos para, a seguir, ordená-los dentro de categorias. Esses elementos devem ser portadores de sentido em relação ao material analisado e às intenções da pesquisa.

A partir das perguntas realizadas com os casais, foram surgindo os temas foco desta pesquisa. Os casais responderam mais profundamente a alguns tópicos do que a outros, o que deu lugar à categorização já prevista a partir dos objetivos propostos para o estudo. A seguir se apresenta de modo contínuo os resultados obtidos, sendo discutidos concomitantemente a fim de enriquecer a compreensão da pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a realização da análise qualitativa do conteúdo das entrevistas, as falas dos participantes foram agrupadas em três categorias. Partindo dessas categorias, formularam-se subcategorias, de acordo com os conteúdos expressos. Os resultados, então, são apresentados com excertos representativos, relacionando algumas respostas elucidativas dos participantes à caracterização das categorias. As categorias são descritas no quadro abaixo:

CATEGORIA	SUBCATEGORIA
Influências Sociais	Trabalho Rede de Amigos Questões Financeiras
Influências Familiares	Valores Padrões de Interação
Vivência atual da conjugalidade	Rotina Individualidade x Conjugalidade

Quadro 2 - Categorias de Análise.

4.1 Influências Sociais

Esta categoria engloba a forma como os casais percebem a influência de fatores sociais na formação da identidade conjugal. O trabalho, a rede de amigos e as questões financeiras foram os elementos considerados mais significativos na vivência dos cônjuges.

4.1.1 Trabalho

Nesta categoria, é abordado como o trabalho de cada um influencia na vida do casal, considerando as rotinas e sentimentos vivenciados. Foram percebidas influências negativas por alguns casais, enquanto outros não consideram o trabalho como um fator que afete a relação, conforme falas a seguir:

Quanto a isso a gente lida bem, não tem problema nenhum. (Marido, casal 3)

Eu gosto bastante do meu trabalho e não afeta nós assim, porque a gente vai lá, trabalha, chega em casa e é a nossa vida daqui, nosso problema daqui, a gente não transfere assim... (Esposa, casal 2)

...eu me estresso bastante no meu trabalho e eu não deixo lá, eu não consigo separar, eu trago pra dentro de casa. E acaba impactando, com certeza, no casamento. (Esposa, casal 4)

...tem a questão de a gente estar infeliz (no trabalho) e quando a gente chega em casa todo o assunto que gira em torno disso acaba sendo pesado. (Esposa, casal 1)

Dessa forma, dois casais percebem que o trabalho influencia de forma negativa no casamento, pois não conseguem separar os problemas do trabalho de

sua relação em casa. A insatisfação com situações ocorridas no trabalho é trazida para a vivência conjugal, ocasionando, em algumas situações, brigas e reclamações e, em outras, lamentações pelo descontentamento que o trabalho gera. Já os outros dois casais entrevistados lidam bem com essas questões, conseguindo falar sobre situações estressantes que possam vir a ocorrer no trabalho ou mesmo não percebendo qualquer interferência.

Estudo realizado por Rocha et al. (2011), em artigo publicado sobre influência recíproca entre atividade profissional e vida familiar, constatou que o cansaço físico e mental relacionado ao trabalho influencia nas tarefas familiares, causando desânimo e irritabilidade.

Em relação às rotinas, todos os casais se disseram adaptados à rotina do trabalho do cônjuge, não existindo um sentimento de dedicação maior ao trabalho do que ao casamento. Mesmo em um casal que tem rotinas de trabalho de maior carga horária, há compreensão e o entendimento desta necessidade.

Souza (2012) destaca que a conjugalidade é um ambiente de investimento amoroso em que os casais se percebem complementares, compartilhando aspirações pessoais referentes também à profissionalização. Afirma ainda que pode haver uma disputa entre a profissão e a relação conjugal, o que não foi percebido pelos entrevistados.

4.1.2 Rede de Amigos

A influência da rede de amigos de cada cônjuge é discutida nessa categoria. Os casais citaram as atividades que costumam realizar e a forma como os amigos foram se tornando comuns a ambos. Comentam também da relevância de continuarem a fazer programas com os amigos e não somente entre o casal, vendo essa convivência como positiva.

Algumas falas que elucidam esses pontos encontram-se abaixo:

E os amigos que mais tem contato com nós é tanto amigo meu como dela, é conhecido de nós dois. (Marido, casal 2)

Ele sai alguns dias com os guris ou eu saio com as gurias. Ou a gente encontra casais. (Esposa, casal 1)

Daí depois do casamento, nossa, não tem um final de semana que a gente não faça alguma coisa com os amigos, é raro. (Marido, casal 4)

Em todos os casais, a relação com os amigos é vista como saudável. Cada cônjuge faz programas individuais com os seus amigos, na maioria das vezes, jantares. Outro ponto interessante consiste no fato de que os mesmos amigos com os quais são feitos programas individuais também são feitos programas de casal. O que mostra que, conforme exemplificado nas falas, os amigos são em comum, e não de um ou de outro. A convivência foi aproximando e construindo essa relação. O fato de o casal partilhar e conviver com amigos originários de cada rede social de origem pode indicar boa comunicação, em que é possível a aceitação de interesses, gostos e costumes variados.

Percebe-se que há um equilíbrio entre os momentos de atividades com os amigos e os momentos em que o casal está junto, seja em programas com amigos ou atividades do casal. Há combinações quanto ao dia de sair com os amigos e cada cônjuge tenta organizar o seu programa individual. Mas, se um dos dois não tem programa, não se importa que o outro veja os seus amigos.

Tais resultados mostram que os entrevistados conseguiram encontrar um meio termo entre os programas de casal e os programas com os amigos, sem excluí-los da relação e tampouco deixar as atividades de casal a desejar. McGoldrick (1995) destaca que ao ser formado o novo casal precisa ser definida a forma como os cônjuges se relacionarão com seus familiares, amigos e comunidade, demarcando os limites desse novo sistema familiar.

4.1.3 Questões Financeiras

Nessa categoria, os casais discorreram sobre como é o trato com o dinheiro. Falaram da forma como organizam as finanças, da responsabilidade de ter que prover o próprio sustento e ter uma casa para administrar, da forma como percebem influências da família de origem, tanto em relação ao suporte financeiro quanto à cultura financeira de cada uma, e também como manejam os conflitos que surgem.

Entre a gente, junto né. Tem que pagar isso, isso, tranquilo... (Marido, casal 3)

Tipo a gente não conta, o meu dinheiro, o teu dinheiro. É um dinheiro conjunto, é um dinheiro que a gente usa para pagar as contas. (Marido, casal 2)

...às vezes dá uns conflitos, porque mulher quer comprar roupa né. (Marido, casal 4)

...quando eu morava com a minha mãe qualquer coisa que eu pedia ela me dava né. E daí assim agora assumir esse compromisso né, de não poder... É diferente. (Esposa, casal 4)

E eu reconheço que financeiramente eu deixo muito a desejar e isso é um grande estresse pro casamento. (Esposa, casal 1)

De forma geral, a questão financeira foi vista como tendo grande impacto para a relação, sendo assunto de discussões e ajustes. A maior parte dos casais entrevistados junta o salário dos dois e divide as despesas. Os maridos mostraram, em sua maioria, estar no controle da administração financeira, preocupando-se com o fato de as esposas serem mais consumistas.

Em algumas das esposas, por sua vez, percebe-se a influência da família de origem para tal comportamento, porque antes do casamento não tinham que auxiliar no sustento de suas casas (apesar de todas trabalharem), podendo gastar todo o salário com bens pessoais e tendo ainda suporte financeiro caso não tivessem recurso suficiente. Contudo, houve mudança no comportamento considerado mais consumista das mulheres antes ainda do casamento, uma vez que todos construíram suas casas e auxiliaram nos custos da festa de casamento, o que fez com que tivessem de planejar, economizando recursos e direcionando para esse fim.

Com a união de um casal inicia-se uma fase com predomínio do comportamento de adquirir, marcando a construção de uma nova vida. Existe também o desafio que se relaciona à administração do dinheiro. (BERTHOUD, 2011). Segundo Madanes e Madanes (1997), para que um relacionamento conjugal tenha sucesso deve ser baseado na colaboração financeira e não na competição. Os autores afirmam que alguns casais discutem frequentemente por causa de dinheiro, não entrando num acordo em questões de como o dinheiro deve ser gasto ou quem vai pagar as contas, por exemplo.

No casal 1 especificamente, até então a questão das finanças é uma questão delicada e geradora de conflitos. O marido está auxiliando a esposa a se reorganizar financeiramente, arcando, até o momento, com as despesas da casa e, inclusive, com algumas despesas pessoais dela, para que, posteriormente, o casal consiga dividir as despesas. Já no casal 4, em função de haver sido feito um empréstimo com a família do marido, há um sentimento de obrigação na esposa, que diz ter a sensação de não poder negar nada que a sogra ou o sogro solicitem, porque sempre lhe vem à mente a questão da dívida.

4.2 Influências Familiares

A influência da família de origem para a formação da identidade conjugal é abordada nesta categoria. Os casais trouxeram informações sobre como percebem e agem de acordo com os valores transmitidos e também os modelos de relacionamentos experienciados com seus pais.

4.2.1 Valores

Essa categoria diz respeito aos valores que a família de origem, principalmente os pais, transmitiu. São percebidos desde valores morais tradicionais, até outros costumes relacionados ao dia a dia e que influenciam na rotina do casal. Alguns valores se complementam e outros são contraditórios.

Algumas falas exemplificam suas percepções:

Eu acho que a questão do respeito, da honestidade, ter sempre o nome limpo. O pai assim preserva bastante isso, sempre disse que tem que pagar as contas. (Esposa, casal 3)

...ensinaram a gente a fazer tudo pelo certo né, correto, trabalhar para ter as coisas. (Esposa, casal 2)

E daí outra questão é assim, minha mãe sempre deu valor para coisas fúteis, ah ter roupinha... (Esposa, casal 4)

É que a minha outra escola (família de origem), deixa eu defender o meu lado, não é o estresse total em relação à limpeza. (Esposa, casal 1)

Valores tradicionais foram mencionados por todos, sendo semelhantes e girando em torno da honestidade, do respeito, de ser uma pessoa correta e ter responsabilidades. Do mesmo modo, outros aspectos que dizem respeito a hábitos e costumes domésticos também foram mencionados. Um deles se refere às tarefas do marido do casal 3, que participa das atividades domésticas, desde a limpeza até a preparação da comida, trazendo esse ensinamento de sua mãe e continuando com esse hábito na vida de casado. Especificamente em relação à limpeza, no casal 1, os valores diferentes geram discordância, pois a família de origem do marido preza pela limpeza e organização, o que é considerado excessivo pela esposa, visto que em sua família o assunto não é tratado com tanta rigidez. Há uma disputa, cada um defendendo a forma como aprendeu em sua família de origem.

Situação diversa ocorreu no casal 4. Ao se deparar com os valores da família do marido, que eram opostos aos seus, ao invés de confrontá-los, os novos valores foram absorvidos pela esposa, sendo considerados mais interessantes dos que havia vivenciado em sua família de origem. Foi uma escolha da esposa apropriar-se de alguns valores da família de origem do cônjuge.

A família de origem de cada cônjuge está implicada diretamente na formação da identidade conjugal, pois é transmissora de um sistema de crenças e mitos que é a base para a formação do novo casal, como afirmam Falcke, Wagner e Mosmann (2005). Groisman (2006), por sua vez, declara que as relações que estabelecemos em nossa família vão determinar a forma como nos relacionaremos no futuro.

4.2.2 Padrões de interação

Nessa categoria, os casais discorreram sobre o modelo de relação de seus pais e a maneira como percebem essa influência em seus relacionamentos. Os padrões de interação foram percebidos tanto positivos quanto negativos, como consta:

Os meus (pais) também, às vezes tinha desentendimento, como tem ainda, mas eles sempre tentam achar uma solução. Eu sempre digo, o melhor jeito que tem, se acontecer alguma coisa, é senta e conversa, e vê, tenta achar um jeito de... (Esposa, casal 3)

E os meus pais assim, também, sempre teve brigas, discussão...que nem eu sempre dizia pra minha mãe, eu não queria um casamento assim, com discussões. (Esposa, casal 2)

Influenciou muito, os dois casais assim. Pra gente fazer totalmente diferente dos dois né. (Marido, casal 4)

Mas eu vejo que o comportamento do... (marido) comigo é um xerox do comportamento do pai dele com a mãe dele. É igual. (Esposa, casal 1)

Os casais que perceberam o modelo de relação dos pais como positivo reproduzem tal comportamento, valendo-se do diálogo e tentando encontrar um ponto em comum quando as opiniões divergem. Nos casos em que havia constantes brigas e conflitos na família de origem, o desafio encontrado pelos cônjuges é não seguir o modelo, pois o consideram ruim. Contudo, percebem que mesmo as vivências que acreditam serem ruins e que gostariam de não repetir, acabam sendo seguidas, já que foi a forma como aprenderam em casa.

Também há a percepção de imitação do comportamento dos sogros, pois o marido, por exemplo, se comporta semelhante ao seu pai e a esposa semelhante à sua sogra. Essa repetição de padrões percebida pelos entrevistados corrobora o que é trazido na literatura. McGoldrick (1995) afirma que é na família de origem que os indivíduos aprendem padrões de interação, atitudes, expectativas, conceitos e orientações concebidos como funcionais ou não.

4.3 Vivência atual da conjugalidade

Essa categoria surgiu a posteriori, uma vez que as perguntas mobilizaram os casais a pensar na sua relação, sendo a entrevista um espaço de reflexão terapêutica. Todos os sujeitos trouxeram dados sobre o momento atual que estão vivenciando e como julgam que está sendo o casamento. A rotina diária, principalmente no que diz respeito às tarefas domésticas, foi trazida como um fator de destaque, assim como encontrar a melhor maneira de conciliar as questões individuais com a construção da conjugalidade.

4.3.1 Rotina

A rotina do dia a dia, da qual acabam fazendo parte as tarefas domésticas, é discutida nessa categoria. Para alguns casais não foi uma novidade, visto que já exerciam as tarefas em suas casas, inclusive os maridos. Mas para outros está sendo um aprendizado, tanto em relação ao realizar a tarefa em si, quanto ao que deve ser feito e com qual frequência.

Um ajuda o outro. ...aqui os dois são super organizados, até agora não deu problema. (Esposa, casal 3)

E como eu já era acostumado a fazer, para mim não foi difícil. Não foi aquela coisa, nossa, vou ter que aprender a fazer essas coisas. E eu sei que tenho que ajudar, não vou deixar tudo para a mulher. (Marido, casal 2)

No começo foi bem complicado, porque em casa (dos pais) eu não tinha que fazer e o... (marido) também não tinha que fazer. Eu lavava uma loucinha, mas lavar roupa, lavar chão, cuidar da casa, tirar lixo... (Esposa, casal 4)

Pois é, só que eu não acho que seja um modo de viver saudável, do tipo que eu tenho que andar com um pano numa mão e uma vassoura na outra, limpando onde eu passo. Isso não é vida pra mim. (Esposa, casal 1)

A maioria dos casais divide as tarefas e alguns têm estipulado o que é tarefa do marido e o que é da esposa. Outros têm uma divisão também, sem, no entanto, ter predeterminado o que cada um deve fazer, mas com a combinação de não deixar um responsável por tudo. Por exemplo, se um dos dois cozinhar, o outro lava a louça, se um estende a roupa, o outro recolhe.

Todos os maridos participam das tarefas, sendo que dois (casal 2 e 3) frisaram o fato de terem aprendido em sua família de origem e já realizarem anteriormente, não havendo dificuldade em executá-las após o casamento. Entretanto, nos dois outros casais (1 e 4), ambos os cônjuges não tinham essas obrigações em sua rotina na família de origem, e tiveram que aprender.

Tal situação tem acarretado conflitos, pois, no casal 4, quando o marido realiza uma atividade que seria da esposa, ela não percebe como ajuda e passa a sentir-se insultada, como se o marido estivesse interferindo em uma tarefa que não lhe diz respeito. Já no casal 1, há uma discordância quanto ao que deve ser feito por cada um, não tendo uma divisão estipulada e também em relação à necessidade percebida por cada cônjuge da frequência das tarefas.

Os resultados mostram que os casais estão em fase de aprendizado e adaptação. De acordo com McGoldrick (1995), quando um novo casal se forma, uma das tarefas mais importantes consiste em articular e negociar hábitos, valores, regras, entre outros aspectos, considerando o que cada um definiu individualmente ou que foram definidos na família de origem.

4.3.2 Individualidade x Conjugalidade

Com a convivência diária, que iniciou após o casamento, os casais depararam-se com o desafio de conciliar questões individuais com a conjugalidade. Nesta categoria, os entrevistados comentaram como têm lidado com as diferenças individuais para abrir espaço para a construção de uma realidade comum. A individuação em relação às famílias de origem também foi mencionada.

...a gente se entende bem. Se às vezes há um problema a gente senta e conversa. No mais assim... a gente sempre se entendeu, e continua... (Esposa, casal 3)

A gente não briga por isso. Essa coisa de um respeitar as ideias do outro é bem tranquilo. (Marido, casal 4)

É que muitas vezes ela quer comparar o jeito que eu faço com o jeito que ela faz. E eu falo, o jeito que tu faz(sic) eu não vou fazer igualzinho a tu né. Eu vou fazer de um jeito, mas vai ser um pouco diferente. (Marido, casal 2)

É, eu ainda tô(sic) acostumando, e era bem pior. Se eu falasse na minha mãe eu chorava. (Esposa, casal 2)

Todos os casais afirmaram que tiveram de se ajustar à convivência, tentando encontrar um ponto em comum quando as opiniões diferentes aparecem. Consideraram que mesmo que julgassem se conhecer antes do casamento, várias situações somente foram experienciadas após estarem vivendo sob o mesmo teto. Embora acreditem que a negociação seja a melhor estratégia, ainda, em alguns momentos, deparam-se com a cobrança de um ao outro no que diz respeito à maneira de pensar ou agir. Ou seja, cada cônjuge quer que o outro siga o seu modelo.

Montoro e Munhoz (2010) esclarecem que o desafio para os casais está em lidar com a ambivalência que se estabelece atualmente nos casamentos, em que as peculiaridades de cada cônjuge devem ser respeitadas, sem criar empecilhos para a constituição da conjugalidade. O casamento na pós-modernidade deve estar vinculado a uma concepção de mutatividade, transformação, flexibilidade em relação ao novo e ao diferente, para que possa haver um espaço de desenvolvimento interpessoal, dizem Gomes e Paiva (2003).

As famílias de origem também foram citadas, principalmente pelas esposas, que relataram sentir saudade de suas mães, com exceção da esposa do casal 2, que almoça na casa dos pais diariamente. As demais contaram que choraram nos primeiros dias, tanto de saudade da família, quanto de receio de não se adaptarem à rotina de casadas, em função das responsabilidades até então não assumidas. Os maridos, por seu turno, não relataram esse sentimento e, inclusive, solicitaram que as esposas estivessem mais presentes para haver maior convívio do casal, pois elas visitavam seguidamente suas mães, tendo dificuldades na individuação da família de origem.

Falcke, Wagner e Mosmann (2005) trazem que para que o casal possa se constituir é importante haver um processo de separação-individuação saudável da família de origem. A concepção de McGoldrick (1995) corrobora no sentido de que o casamento serve para que cada um dos cônjuges realize o processo de separação e individualização com relação à família de origem. Assim, abre-se espaço para que

ocorra a aproximação com o parceiro, criando uma zona comum de interação e a consequente formação da identidade conjugal.

5 CONCLUSÃO

Os resultados da presente pesquisa permitiram explorar quais influências os casais têm percebido na formação da identidade conjugal. Conforme se objetivou, os entrevistados trouxeram dados referentes à influência de fatores sociais, além de questões relacionadas às famílias de origem.

A rede de amigos foi avaliada como positiva por todos os entrevistados, sendo as atividades de lazer com amigos em comum de grande frequência. O trabalho foi visto como influência, não pelo fator salário, mas sim pelo fato de alguns cônjuges não conseguirem se desvencilhar de situações desgastantes ocorridas em seus empregos, trazendo os problemas para casa. No que tange às questões financeiras, foi unânime a opinião do desafio que o casamento trouxe, pois, apesar de trabalharem antes de se casarem, todos tiveram que se organizar financeiramente para a construção da casa e para administrar as despesas mensais, sendo uma nova responsabilidade.

As famílias de origem mostraram estar muito presentes, o que é exemplificado pela dificuldade de separação-indivuação apresentada pelas esposas, o que sugere uma maior ligação das entrevistadas, principalmente com suas mães. Os valores e padrões de interação também foram percebidos, sendo reproduzidos em alguns casos e confrontados em outros, optando-se por não seguir o que se vivenciou. Quando os valores familiares se mostraram opostos, houve tanto uma disputa, cada um defendendo o valor de sua família, quanto uma mudança e mistura com os valores trazidos de sua família de origem.

A vivência atual da conjugalidade foi apresentada pelos cônjuges, trazendo dados que dizem respeito à rotina e à convivência. Nas questões de rotina, as tarefas domésticas se apresentaram como o principal aspecto a ser aprendido e negociado. Um dado interessante é o fato de todos os maridos realizarem as tarefas também, não as considerando uma obrigação das mulheres. Diferentemente da geração de seus pais, do modelo que tiveram em casa, pois, em todos os lares, os pais não realizavam tais tarefas. A formação da identidade conjugal está sendo vista como um aprendizado, que necessita de adaptações e negociações. Porém, todos

os casais enxergam a experiência como sendo boa, estando cientes das dificuldades desse processo, o que mostra que tiveram expectativas realistas em relação ao casamento.

Analisando as características dos cônjuges, percebeu-se que os casais que se identificam como tendo personalidades parecidas apresentam menos conflitos, pois as opiniões expressam pouca divergência. Tal aspecto parece ser favorável à construção da identidade conjugal. Outro fator benéfico para a conjugalidade foi o tempo de namoro. A convivência nesse período, mesmo sem morar juntos, fez com que os entrevistados já fossem construindo uma realidade comum. Essa questão apareceu claramente nos casais entrevistados. O casal 1, que teve o menor tempo de namoro, teve maior dificuldade de adaptação até então, ao passo que o casal 3, que teve o maior tempo, sentiu o oposto.

A forma de comunicação também pode ser considerada um reflexo de como está estabelecida a identidade conjugal até o momento. Em alguns casais, ocorreu a fala complementar, com um falando pelo outro, ou complementando a resposta, enquanto que em outros cada um apresentou falas bem individuais, como que numa disputa por quem tinha razão, considerando que as perguntas envolviam a relação.

Os resultados desse estudo contribuem para o entendimento da fase do ciclo vital que é o da formação do casal. Conhecendo as influências e desafios que os casais vivenciam a partir do momento em que optam pelo casamento é possível pensar em intervenções adequadas para auxiliá-los em caso de dificuldades, visto que a construção da identidade conjugal é o início da formação de uma nova família. Seguindo esse raciocínio, seria relevante investigar as uniões que não deram certo, entrevistando ex-casais que se separaram antes de dois anos de casamento. Como esse período inicial é considerado pela literatura como o de formação da identidade conjugal, se pesquisaria o que influenciou para que a relação chegasse ao fim.

SOCIAL AND FAMILY INFLUENCES ON MARITAL IDENTITY FORMATION

Abstract

Marriage has gone thru transformations throughout history, regarding its new configuration forms, roles and relationships. Besides the characteristics of the spouses themselves, other factors are influent to the marital identity formation, as the

origin family and the sociocultural context. Considering such reality, the purpose of this research was to identify social and family influences perceived by the couple on the formation of marital identity. The study counted with four heterosexual couples in first marriage, with less than two years marriage, and no children yet. As research instruments, were used a sociodemographic questionnaire and a semi-structured interview, which was recorded and transcribed for later exploitation by the qualitative content analysis method. The results showed that social influences perceived by couples were relative to their kind of work, friends network and financial matters. Regarding the origin families, the transmitted values and parental relationship model were perceived as influencers. Respondents also brought data regarding their current wedding moment, emphasizing daily routine and the challenge of reconciling individuality with marital issues.

Keywords: Marital identity. Individuality. Marital.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper; BERGAMI, Nancy Benedita Berruezo. Família em fase de aquisição. In: CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira (Org.); BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper (Org.). **Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. p. 47-75.

BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper. Visitando a fase de aquisição. In: CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira; BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper. **Visitando a Família ao Longo do Ciclo Vital**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p.29-57.

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BRONFENBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira; BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper. Ciclo vital da família brasileira. In: OSORIO, Luiz Carlos (Org.); VALLE, Maria Elizabeth Pascual do (Org.). **Manual de terapia familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 25-37.

FALCKE, Denise; WAGNER, Adriana; MOSMANN, Clarisse. Passando a história a limpo: o impacto das experiências da família de origem na conjugalidade. In: WAGNER, Adriana (Coord.). **Como se perpetua a família?: a transmissão dos modelos familiares**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 67-79.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010279721998000200014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 nov. 2013.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. **Casamento e família: do social à clínica**. Rio de Janeiro: Nau, 2001.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. **Estudos de Psicologia (Natal)**, Natal, v. 8, n. 3, p. 367-374, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n3/19958.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2014.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; DINIZ NETO, Orestes. Construção e dissolução da conjugalidade: padrões relacionais. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v.20, n. 46, p. 269-278, ago. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103863X2010000200014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 jun. 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Estudo de caso**. São Paulo: Atlas, 2009.

GOMES, Isabel Cristina; PAIVA, Maria Lucia de Souza Campos. Casamento e família no século XXI: possibilidade de *holding*?. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, num. esp., p. 3-9, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722003000300002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 jun. 2014.

GROISMAN, Moisés. **O código da família: mandamentos que devem reger as relações familiares**. Rio de Janeiro: Núcleo Pesquisas, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Estatísticas do Registro Civil 2012**. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2012/default.shtm>> Acesso em: 12 jul. 2014.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MADANES, Cloé; MADANES, Claudio. **O significado secreto do dinheiro**. Campinas: Editorial Psy, 1997.

MAGALHÃES, Andrea Seixas; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Conjugalidade e subjetividades contemporâneas: o parceiro como instrumento de legitimação do "eu". In: SEGUNDO ENCONTRO MUNDIAL, 2., 2003, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: Estados Gerais da Psicanálise, 2003. Disponível em: <http://egp.dreamhosters.com/encontros/mundial_rj/download/5a_Carneiro_39020903_port.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2014.

MCGOLDRICK, Monica. A união das famílias através do casamento: o novo casal. In: CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica. **As mudanças no ciclo de vida familiar**: uma estrutura para a terapia familiar. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 1995.

MENDONÇA, Denise de Faria. **Influências da família de origem na construção do laço conjugal no novo casal**: um estudo de caso. 2006. 114 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, 2006.

MENEZES, Clarissa Corrêa. **A transição para o casamento**. 2006. 271 f. Tese (Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento) - Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) *et al.* **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1996.

MONTORO, Gilda Castanho Franco (Org.); MUNHOZ, Maria Luiza Puglisi (Org.). **O desafio do amor**: questão de sobrevivência. São Paulo: Roca, 2010.

NARCISO, Isabel; COSTA, Maria Emília. Amores satisfeitos, mas não perfeitos. **Cadernos de Consulta Psicológica**, Lisboa, v. 12, p. 115-130, 1996. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10216/15550>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. O modelo bioecológico do desenvolvimento humano. In: KOLLER, Sílvia Helena (Org.). **Ecologia do desenvolvimento humano**: pesquisa e intervenção no Brasil. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN; Ruth Duskin. **Desenvolvimento Humano**. 12 ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

ROCHA, Laureize Pereira et al. Influência recíproca entre atividade profissional e vida familiar: percepção de pais/mães. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 373-380, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002011000300011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 nov. 2014.

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. **Projetos de estágio do curso de administração**: guia para pesquisas, projetos, estágios e trabalho de conclusão de curso. São Paulo: Atlas, 1996.

SOUZA, Cinthia Barreto Santos. **De casa para a rua e da rua para casa:** implicações e interações família e trabalho. 2012. 232 f. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea) - Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea, Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2012.

YIN, Robert K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZORDAN, Eliana Piccoli; FALCKE, Denise; WAGNER, Adriana. Copiar ou (re)criar?: Perspectivas histórico-contextuais do casamento. In: WAGNER, Adriana (Coord.). **Como se perpetua a família?:** a transmissão dos modelos familiares. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 47-65.

ZORDAN, Eliana Piccoli; FALCKE, Denise; WAGNER, Adriana. Casar ou não casar?: Motivos e expectativas com relação ao casamento. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 56-76, ago. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S16771168200900020005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 mar. 2014.

ZORDAN, Eliana Piccoli. **A separação conjugal na contemporaneidade:** motivos, circunstâncias e contextos. 2010. 130 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 2010.